





**PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**  
SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO  
Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos - IPP  
Conselho Estratégico de Informações da Cidade

## **CONSELHO ESTRATÉGICO DE INFORMAÇÕES DA CIDADE**

Ata da reunião de 15 de janeiro de 2020

Nesta data, reuniu-se por convocação da presidência do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP), o Conselho Estratégico de Informações da Cidade (CEIC), órgão colegiado da estrutura do IPP, de acordo com a Lei 2.689, de 01 de dezembro de 1998, com a seguinte pauta:

A Cidade do Rio de Janeiro, na Conferência da ONU sobre o Clima (COP25)

O presidente do Instituto Pereira Passos, Mauro Osorio, deu início à reunião e realizou as seguintes observações: O Bernardo esteve na COP 25, representando a cidade do Rio de Janeiro. O IPP tem um trabalho importante na área de meio ambiente. Parece que a Prefeitura ficou bem na fita. Aqui no conselho, temos além do corpo técnico do IPP – que tem forte relação com o assunto – outras pessoas ligadas a esse tema, como o Sergio Besserman. Achei que trazer o Bernardo aqui poderia promover uma discussão importante.

- Bernardo, esse Conselho é com pessoas de fora da Prefeitura, de universidades e organizações da sociedade civil. A ideia é colaborar conosco nas discussões. Esse perfil do Conselho foi estabelecido em 2009 e várias pessoas daqui já estão desde essa época, inclusive eu.

**Em seguida, foi dada a palavra ao Secretário Municipal de Meio Ambiente da Cidade, Bernardo Egas. Os tópicos apresentados por ele foram os seguintes:**

- Eu quero agradecer o convite, para mim é uma honra estar aqui com um grupo tão importante. Meu nome é Bernardo Egas, fiz direito na PUC e lá eu conheci o Marcelo Queiroz, que me trouxe para a vida do serviço público. Fui subsecretário dele, na Secretaria de Administração da gestão anterior, fui Presidente do Instituto de Previdência e Assistência do Município (PREVI-RIO). Quando o Marcelo assumiu a Secretaria Municipal do Meio Ambiente fui com ele para ajudá-lo e agora ele teve um novo desafio no Governo do Estado, e hoje é Secretário de Agricultura do Estado e eu assumi o seu lugar na Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Acompanhei o seu trabalho e já estava familiarizado, então consegui entrar de forma mais tranquila para fazer esse trabalho desafiador.

- Eu trouxe um livro para vocês, que é do programa de reflorestamento da cidade. Quando entramos lá na Secretaria, vimos esse programa fantástico que já tem 33 anos. É um trabalho que envolve mais de 500 mutirantes, e 60% dessas pessoas tem como única renda a bolsa que o mutirão fornece. Nas comunidades em que há mutirão, as áreas reflorestadas são preservadas, não há invasão ou desmatamento. Há também um componente de educação ambiental, então o trabalho que fizemos foi de valorização desse pessoal por meio desse livro. Há algumas fotos de antes e depois. Fizemos um evento no Palácio da Cidade para cada mutirante encontrar o prefeito, fazer uma foto, um agradecimento. Esse trabalho acabou saindo até no Jornal Nacional, o Willian Bonner ficou até surpreso, pois está acostumado a falar só de coisas ruins e achou nosso trabalho maravilhoso.

- O objetivo de hoje é falar sobre nossa participação na COP 25, que foi muito interessante. Vou explicar um pouco e abrir para o debate, já que aqui há muitas pessoas para engrandecer essa discussão e ajudar nos desafios que estamos propondo para a cidade. O José Miguel Carneiro Pacheco, que está aqui comigo, trabalha na área de mudanças climáticas da Secretaria. Antes de entrarmos ele já estava lá e acompanha muito o trabalho do IPP. Então, foi muito fácil falar em Madrid porque ele ficava me dando toques dizendo o que Rio já fez. Há diversas ações que o mundo está propondo para as cidades e que o Rio é pioneiro e já faz há muito tempo, como o compromisso com a neutralidade de carbono até 2050; o Rio é a primeira cidade a ter inventário de emissões, a única do país a fazer o inventário inteiro apenas com os servidores, sem ajuda externa. Na COP 25 falei da parceria com a NASA, que o IPP está desenvolvendo junto com o COR, as pessoas lá fora ficam entusiasmadas. Aqui, no Brasil, talvez não sejamos tão valorizados, mas lá fora somos referências em meio ambiente. Fizemos a ECO 92, a Rio +20, e debates como a COP só são possíveis porque isso começou a ser estimulado no Rio de Janeiro.

- Eu participei de painéis de diversas cidades, com capitais europeias e do mundo inteiro. E nada se compara ao que o Rio faz. Um dos exemplos é justamente o programa de reflorestamento do Rio, que plantou 10 milhões de árvores na cidade. Não tem país na Europa que tenha feito algo assim. A escala dos nossos programas é muito grande. Há o Pacto Global de Prefeitos pelo Clima e Energia, que é muito ousado e o Rio é a primeira cidade do mundo a estar conformidade com o que o Pacto exige. Temos o inventário, planos e metas. Esses planos e metas estão nas nossas leis e decretos, são coisas que o Rio realmente se compromete. Ganhamos no ano passado um prêmio pelo 'Cidades Pelo Clima', coordenado pela Casa Civil, que é a governança climática da cidade que permeia todas as secretarias e órgãos, que têm que estar alinhados ao que a Casa Civil determina. Em alguns painéis, havia perguntas e eu a cada pergunta fiz propaganda de alguém. Falei sobre o IPP, Casa Civil etc. Todo mundo foi lembrado.

- Participamos da agenda de governos locais, conhecemos uma instituição que faz a ponte entre as cidades e os governos locais. Lá dizem que não existe aquecimento global, e sim aquecimento local. É algo que acontece localmente e deve ser combatido. Foi uma oportunidade para divulgarmos as ações e promover cooperação internacional. Durante a semana em que ficamos lá, acontecia no Rio o plantio da Floresta dos Atletas. É um grande presente para a cidade, foram 13 mil mudas plantadas em um dia. No mesmo painel em que eu estava divulgando isso, a cidade de Corunha, na Espanha, estava apresentando um projeto para plantar 1000 árvores durante esse ano, se der certo e todo mundo colaborar. A Floresta dos Atletas foi um compromisso olímpico. Na abertura dos jogos os atletas colocaram sementes em tubos e foi firmado o compromisso ambiental de fazer uma floresta com aquelas sementes. Isso nunca aconteceu porque a Prefeitura falava que o problema era do Comitê Olímpico, o Comitê jogava de volta para a Prefeitura, o Governo do Estado não se metia e ninguém resolvia. Quando entramos, decidimos entender o que estava travando aquilo, o compromisso de plantar a Floresta não é ônus para ninguém, é um presente. É uma floresta com uma biodiversidade incrível, são 207 espécies diferentes, todas nativas, o número representando os países que participaram das olimpíadas e 13 mil mudas representando todos os atletas. Sem dinheiro público, usamos medidas compensatórias da Secretaria de Meio Ambiente para custear a plantação dessa floresta. Ela fica no Parque Radical, em Deodoro, é área da cidade com a pior qualidade do ar, com ondas de calor, e realmente precisa desse tipo de ação.

- O exército doou uma área adjacente ao Parque Radical, que é o Campo de Instrução de Gericinó e lá vamos fazer a Floresta da Zona Oeste. Queremos plantar uma parte agora e depois utilizar as futuras sementes da Floresta dos Atletas para serem plantadas nessa outra

floresta. Vai se tornar um grande corredor ligando o Maciço de Gericinó e Serra do Mendanha ao da Pedra Branca.

Aparte do conselheiro Sérgio Besserman: O objetivo de fazer essa conexão é maravilhoso. Envolve uma discussão importante, que é o autódromo vs a floresta. Aquela floresta é muito relevante tanto para a conexão e porque é um remanescente original da Mata Atlântica. Eu, pessoalmente, sou contra o autódromo no Rio. Não compartilho da ideia de fazer um autódromo e que o investimento vai dar um retorno interessante. Mas se for para fazer, que jamais seja derrubando essa floresta. O mundo inteiro vai ficar sabendo e vai falar que o Rio destrói mais uma parte da Mata Atlântica original e para construir um autódromo.

Bernardo: Essa questão do autódromo está sendo tratada pelo Governo do Estado, a questão ambiental não passa pela secretaria municipal. Então vamos fazendo o que podemos, a Floresta dos Atletas já foi implantada no Parque Radical e, ao lado no terreno do exército, a Floresta da Zona Oeste.

- Fui ao Euroclima, que é um grande programa da comunidade europeia, para entender como funcionam e como podemos acessar os fundos internacionais. O CC35 é um grupo das capitais da Américas, tivemos diversas reuniões com eles. No Brasil, Brasília participa.

- A COP tem muito a ambição de valorizar projetos ousados, não querem coisas repetidas que todo mundo faz ou coisas simples. Então, eles estimulam muito isso nos gestores. O planeta não aguenta mais as mesmas soluções. Levamos dois novos desafios para a cidade: a Floresta da Zona Oeste, a COP fala muito sobre biodiversidade e, como o Besserman disse, é muito importante para a biodiversidade esses corredores verdes conectando os fragmentos da cidade; e o outro grande desafio é uma força tarefa para a Lagoa Rodrigo de Freitas, é a única lagoa de gestão da Prefeitura e é por isso que foi escolhida. O Rio é referência em muitas coisas sobre meio ambiente, mas temos os corpos hídricos poluídos, esgoto saindo de todos os lugares, achamos que é um grande problema da cidade. Junto do prefeito, decidimos que esse é o desafio que iramos lançar. Colhemos a opinião dos moradores e de tudo que eles falaram, dividimos em quatro etapas de ações que temos que fazer para melhorar a Lagoa.

- A primeira etapa tem a ver com as Unidades de Conservação em torno da Lagoa. Hoje são seis unidades diferentes, então tem Cabritos, Catacumba, Merquior, Sacopã, etc., que estão sobrepostas. Os técnicos de Meio Ambiente entendem que quando se tem sobreposição de Unidades de Conservação, o mais certo é fazer uma consolidação. Quando você tem apenas um plano de manejo, um conselho gestor daquela unidade é mais representativo. Você chama as pessoas para debater e elas aparecem. Então, a ideia é consolidar de seis unidades para duas, que seria a da Catacumba e a de Sacopã e fazer um mosaico da Lagoa com o conselho gestor. Além disso, fazer também um trabalho dentro das unidades de preservação do perímetro que existe hoje para impedir que haja qualquer nova invasão. Essa é a primeira etapa, a segunda é em relação à orla da Lagoa, ao cuidado ambiental que precisamos ter com a região. Vamos iniciar na semana que vem a reforma de sete *decks* e já estamos realizando as vistorias das árvores para retirar as que estão mortas.

- As três primeiras fases a gente consegue implementar apenas com a mão-de-obra da prefeitura e algumas medidas compensatórias, e a quarta fase – a mais ousada – a gente espera doações.

- Voltando à terceira etapa, eu peguei a bacia da Lagoa e estou fazendo vistoria dos rios. Hoje eu fui, junto com a SMAC e a RioÁguas, no rio Rainha, na Gávea. Abrimos todos os bueiros da Gávea para identificar exatamente aonde tem despejo irregular de esgoto na galeria de água pluvial. Na próxima semana nós vamos realizar o mesmo trabalho no Rio dos Macacos, com um mutirão de limpeza pelo Rio.

- Então, antes de atuar dentro da Lagoa, a gente faz esse trabalho externo para evitar que o esgoto chegue, para depois começar a limpar. Essa terceira etapa é feita em parceria com a RioÁguas, com técnicos da prefeitura que têm a melhor expertise para cuidar dos nossos rios. E também queremos fazer a contratação do robô que entra na rede de drenagem. Facilita muito porque o robô consegue entrar e a gente acompanha por meio de câmeras todas as ligações.

- A quarta etapa é o grande desafio, baseado no projeto da COPPE/UFRJ, é o Lagoa.Rio, estimado em cem milhões de reais. Eu fui para a COPPE com esse intuito. O Rio tem um protagonismo internacional grande, então eu usei um pouco disso para chegar lá e pedir ajuda. Nós fizemos já uma parceria, está formalizada e eles estão nos ajudando a formatar o projeto de uma forma que seja possível acessar esses fundos internacionais. A Lagoa tem uma repercussão enorme por ser cartão-postal da cidade. O que nós estamos fazendo agora é uma parceria com a COPPE para finalizar o orçamento da obra atualizada e saber exatamente no detalhe quanto isso vai custar. Nós firmamos convênio com o R-20 (Regions of Climate Action), ONG fundada por Arnold Schwarzenegger, para estruturar o projeto e queremos fechar com o Funbio para que ele seja responsável por administrar todas as doações de forma transparente. Com tudo isso finalizado, a gente dá início ao processo de captação de doações.

- Já tem uma agenda no Instituto do Schwarzenegger, na Califórnia, com possíveis parceiros de lá. E a Embaixada da Áustria vai nos proporcionar um almoço em Brasília, com os países da Comunidade Europeia, para apresentarmos esse projeto. E estamos tentando, ainda, uma agenda com o sheik de Dubai. Tudo isso é muito desafiador.

*Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri:* Em que sentido, tecnicamente falando, a Lagoa é poluída?

*Secretário Bernardo Egas:* O cinturão não foi totalmente fechado. No canal do Jardim de Alah, tem despejo de esgoto 24 horas. Interromper o esgoto que chega até a Lagoa não resolve o problema. Você precisa aumentar o fluxo entre a Lagoa e o mar. A Lagoa antes era mais salina, hoje esse fluxo está muito comprometido. Então, a premissa do projeto do Rosman (engenheiro e professor da COPPE/UFRJ) é o aumento do fluxo com o mar por meio de dutos afogados. São quatro dutos que saem do final do canal, perto da Av. Vieira Souto e seguem por duzentos metros abaixo do mar sem bombas, apenas com a maré. Três veze dias a maré muda e em trinta dias, 90% da água da Lagoa está totalmente renovada.

*Aparte do conselheiro Sérgio Besserman:* Há um conceito de que o corpo hídrico tem que ser tratado como bacia hidrográfica. Você não o trata separado. Pegando como exemplo a Lagoa, que possui apenas três rios assoreados, não é difícil trabalhar saneamento e articulação com a comunidade. Hoje em dia, a gente sabe que o nicho do esgoto não carrega apenas lixos e detritos, mas é também parte importante da falta de saneamento. A água da chuva carrega muito material orgânico. Tudo precisa começar com uma demonstração de que tem uma solução, senão ninguém se motiva. É preciso transformar o Jardim de Alah em um ativo decente.

*Secretário Bernardo Egas:* Hoje, a Lagoa é mantida artificialmente acima do nível natural, pois a qualidade das margens dela está horrível, se o nível baixar fica um mau cheiro enorme, dessa forma, a Rio Águas tenta manter o nível acima do normal. Para abrir a comporta e poder haver uma troca com o mar, é preciso haver uma maré alta com vento e ondas. Quando é realizada a troca franca com o mar apenas pela maré, o nível da lagoa diminui. Portanto, é necessária uma dragagem das margens para o nível abaixar.

*Aparte do conselheiro Jailson:* Historicamente o Rio de Janeiro trabalha a questão ambiental sempre a partir do que aparece mais na paisagem. A questão da justiça ambiental é

gravíssima. Outro dia eu saí da Maré, no verão passado, e estava 46° C, quando eu cheguei no Flamengo estava 37° C. Quer dizer, são muitos graus de diferença em um espaço mínimo dentro da cidade e continuamos pensando esses espaços periféricos sem considerar as favelas. Então precisamos pensar como superar a questão da justiça ambiental, pois estamos falando de saúde, qualidade do ar e possibilidade de uma região muito mais arborizada. Há anos tentamos fazer um trabalho na Maré de reposição das árvores e reflorestamento, mas falta uma visão global sobre isso.

*Secretário Bernardo Egas:* Eu discordo. Primeiro, eu escolhi dois desafios novos, mas sem deixar de fazer nada que já existia. Os três maiores programas da secretaria são: Mutirão do Reflorestamento; Conservando Rios e Hortas Cariocas. A maior parte desses projetos está concentrada em áreas carentes. Hortas Cariocas é um programa de saúde alimentar que ano passado ganhou um prêmio do Pacto de Milão e produziu 70 toneladas de alimentos. A premissa do programa é que metade da produção precisa ser doada e a outra metade o hortelão pode vender. Estimulamos que ele venda toda produção e quando isso é feito ele é emancipado e, com esse valor, conseguimos abrir novas hortas. São mais de 40 hortas na cidade hoje e 600 mutirantes. O Conservando Rios tem 300 pessoas, cada equipe com 10 pessoas em rios dos lugares mais pobres da cidade. Eu fui para o POP com dois desafios novos, na intenção de conseguir ajuda internacional. A Floresta da Zona Oeste, que foi escolhida por ter a pior qualidade de ar da cidade e a Lagoa Rodrigo de Freitas, pois é a única lagoa da cidade com gestão da prefeitura e por também ter um impacto que ajuda na hora de obter esses recursos. Dessa forma, é o projeto mais comercial para conseguirmos alguma ajuda externa. Portanto, 90% do orçamento da minha secretaria é para as áreas mais pobres da cidade.

*Aparte do conselheiro Jailson:* Não foi isso que eu quis dizer. Eu acho que falta uma visão estratégica da cidade na questão de construir um projeto que supere a desigualdade que a gente vive. Não existe um mapa da injustiça e da desigualdade ambiental do Rio de Janeiro que oriente políticas que permitam que em 5, 10 e 20 anos a gente possa corrigir esse passivo. O problema fundamental é a falta de uma visão global integrada. Por exemplo, a Leopoldina é uma área que não está contemplada aqui e não tem como reflorestar.

*Aparte do conselheiro Fernando Cavallieri:* O problema principal é de arborização urbana. As árvores nas ruas fazem uma diferença enorme para a vida do cidadão. É claro que o reflorestamento é fundamental também, mas as árvores nas ruas tem um efeito positivo por melhorar o clima e a ambiência urbana. Entretanto, a Zona Norte é um deserto com relação a isso. Concordo plenamente que há um desajuste ambiental.

*Aparte do conselheiro Cesar Kirszenblatt:* Essa floresta aqui vai pegar um pouco da AP3 quando ela está em Deodoro, próximo a Anchieta, essa vizinhança é importante do Parque de Deodoro e fica em uma região que limita a AP3. O quanto essa floresta pode atingir a vizinhança de uma região? O fundão já está mais preparado para receber uma capacidade florestal e existe uma área nítida que separa. Isso é um exemplo de cidade partida.

*Aparte do conselheiro Sérgio Besserman:* Na Maré, há um estudo de que a arborização poderia significar de dois a três graus. Mas falta planejamento, falta essa visão de não abandonar a AP3. Há também uma questão cultural que precisa ser reconhecida: a maior parte da população – aqui a gente tá falando de comunidade, de população de subúrbio – não gosta da árvore. Ou melhor, eles até gostam da árvore, mas longe da casa deles. É simplesmente porque: primeiro, uma árvore é uma escada e ninguém deixa uma escada do lado de fora do muro da própria casa; segundo, atrai bichos e insetos; e terceiro, tem que varrer todas as folhas. Então, a prefeitura recebe muito mais pedido para tirar a árvore do que para colocar. Teria que haver algum tipo de solução, uma engenharia social, a realização de uma pesquisa para definir a localização e o tipo de árvores a serem plantadas.

*Aparte do conselheiro Jailson:* Existem outros caminhos também. Se você, por exemplo, investe na arborização de avenidas centrais, como a Av. Brasil e a Linha Amarela, e isso pode impactar outros locais. Ou seja, existem soluções de engenharia que poderiam ser utilizadas.

*Aparte do conselheiro Sérgio Besserman:* A saúde dessas árvores em ambientes urbanos está relacionada, sim, à existência de parques, florestas. Você precisa dar a biodiversidade necessária para que a saúde da planta resista.

*Aparte de conselheira:* Tem um estudo muito bacana que a Secretaria de Meio Ambiente fez sobre árvores nativas da cidade do Rio de Janeiro, que são propícias para a arborização de calçadas.

*Aparte do conselheiro Sérgio Besserman:* Nós estamos muito atrás disso, mas o normal em capitais do hemisfério norte, como em Paris, por exemplo, é que cada árvore seja *chipada*. Cada árvore de Paris é georreferenciada, localizada e um pequeno chip acompanha a saúde de cada uma delas. Agora que a arborização deixou de ser só uma questão paisagística, ela é uma questão de saúde, de mitigação de mudança climática, eu acredito que realmente era a hora de nós olharmos para esse ativo árvore urbano de outra forma.

Os hortos estaduais e municipais (no Rio e nos municípios do entorno) não estão conectados a nada disso que nós estamos falando. Eles simplesmente existem lá. Não existe nenhum tipo de atividade comunitária gerando renda e emprego. Agora, o trabalho do secretário é vital. Se a cidade não tem esse suporte biológico, as árvores urbanas também não resistem.

O presidente do IPP, Mauro Osorio, agradeceu aos presentes e encerrou a reunião do Conselho Estratégico.

A Assessoria de Comunicação tomou notas e elaborou esta Ata, que será assinada pelos conselheiros presentes. Eventuais correções serão encaminhadas pelos conselheiros e constarão da ata da próxima reunião do Conselho.